

ENTRE (AUTO)IMAGENS E LEMBRANÇAS: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA PATERNA EM PUBLICAÇÕES NO INSTAGRAM

LUCAS GOMES THIMOTEO*

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Programa de Pós-Graduação em Letras,
Guarapuava, PR, Brasil.

NÍNCIA CECÍLIA RIBAS BORGES TEIXEIRA**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Programa de Pós-Graduação em Letras,
Guarapuava, PR, Brasil.

Recebido em: 31 mar. 2026. Aceito em: 20 abr. 2026.

Como citar este artigo: THIMOTEO, L. G.; TEIXEIRA, N. C. R. B. Entre (auto)imagens e lembranças: narrativa autobiográfica e a construção da memória paterna em publicações no Instagram. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 2, p. 16-32, maio/ago. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n2p16-32

Resumo

Este artigo analisa a construção da memória paterna em publicações autobiográficas no Instagram, a partir do perfil de Thiago Queiroz, psicanalista e autor

* E-mail: lucas@unicentro.br
 <https://orcid.org/0009-0009-2363-0332>

** E-mail: nincia@unicentro.br
 <https://orcid.org/0000-0002-5719-7364>

com mais de 320 mil seguidores na plataforma. Com base em Lejeune, Smith e Watson, Van Dijck e Casadei, discute-se como a relação entre imagem, legenda e autorrepresentação converte experiências cotidianas da paternidade em narrativa pública. Argumenta-se que essas postagens não apenas registram vivências, mas produzem uma memória afetiva e socialmente legitimada do pai cuidador, evidenciando o papel do Instagram na configuração contemporânea da paternidade como experiência íntima, narrativa e midiaticamente mediada.

Palavras-chave

Paternidade. Autorrepresentação. Memória.

INTRODUÇÃO

As redes sociais digitais consolidaram-se como espaços privilegiados de produção de narrativas de si, nos quais as experiências cotidianas são selecionadas, enquadradas e publicizadas sob a forma de imagens, legendas e performances de autorrepresentação. Nesse contexto, o Instagram ocupa lugar central por articular visualidade, memória, intimidade e circulação, convertendo vivências pessoais em registros compartilháveis e socialmente legíveis em diversos formatos. Quando esse processo incide sobre a paternidade, a plataforma não apenas documenta cenas do cotidiano familiar, mas participa ativamente da construção de uma imagem pública do pai e da elaboração de uma memória paterna digital.

Este artigo analisa a construção da memória paterna em publicações autobiográficas no Instagram, tomando como objeto o perfil de Thiago Queiroz, conhecido como “Paizinho, Vírgula!”. O problema que orienta a análise pode ser formulado na seguinte questão: de que modo imagens e legendas publicadas pelo autor produzem uma narrativa autobiográfica da paternidade que, ao mesmo tempo, se apresenta como registro da experiência vivida e como elaboração performática de uma identidade paterna socialmente legitimada? Parte-se da hipótese de que essas postagens não operam como simples espelhos do cotidiano, mas como dispositivos narrativos de seleção, organização e valorização de determinados traços da experiência paterna.

A discussão apoia-se em autores que pensam a autobiografia, a memória e as formas de representação do eu, bem como em estudos sobre a paternidade

cuidadora em circulação midiática. Interessa, aqui, compreender como a escrita de si, ao migrar para plataformas digitais, marcadas pela visibilidade e pela curadoria permanente da vida cotidiana, reorganiza as fronteiras entre intimidade, autenticidade, idealização e performance. No caso analisado, a paternidade aparece como experiência narrada e visualmente construída por meio de escolhas estéticas, recortes afetivos e estratégias discursivas que atribuem sentido público ao cuidado.

O *corpus* é composto por publicações do perfil de Thiago Queiroz centradas em cenas de convivência familiar e momentos cotidianos com os filhos. Foram excluídas postagens predominantemente voltadas a conselhos, orientações ou comentários gerais sobre parentalidade, de modo a privilegiar materiais em que a dimensão autobiográfica se mostra de forma mais evidente. A análise concentra-se também na articulação entre imagem e legenda, observando como esses elementos, em conjunto, produzem efeitos de intimidade, autenticidade e características paternas exemplares.

A estrutura do artigo organiza-se em três movimentos. No primeiro, discutem-se aspectos da narrativa autobiográfica e da escrita de si. No segundo, examina-se a especificidade das autobiografias em ambiente digital, com ênfase nas dinâmicas de visibilidade e construção identitária nas plataformas. No terceiro, por fim, analisam-se as publicações selecionadas, buscando demonstrar como o perfil mobiliza imagens e legendas para constituir uma memória afetiva da paternidade, na articulação entre experiência vivida, autorrepresentação e idealização.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, voltada à análise de publicações autobiográficas no Instagram. O *corpus* é constituído por postagens do perfil de Thiago Queiroz que tematizam o cotidiano familiar e a vivência da paternidade por meio de fotografias acompanhadas de legendas. Para esta análise, foram priorizadas publicações em que a dimensão autobiográfica se evidencia na exposição de experiências pessoais, afetos, rotinas e interações com os filhos. Em contrapartida, foram desconsiderados *posts* centrados predominantemente em conselhos, orientações gerais ou comentários de natureza mais instrutiva, por deslocarem o foco do registro autobiográfico para uma função educacional ou opinativa.

O recorte analítico concentrou-se em publicações nas quais imagem e legenda operam conjuntamente na produção de sentidos sobre a paternidade, e o procedimento consistiu em observar: a) a composição visual das imagens; b) os elementos narrativos acionados nas legendas; c) os modos de autorrepresentação do sujeito paterno; e d) os efeitos de memória, autenticidade e idealização produzidos por essas postagens. Não se trata, portanto, de verificar a veracidade factual dos episódios narrados, mas de compreender como a plataforma é mobilizada para transformar experiências cotidianas em narrativa pública e em memória socialmente compartilhável.

O objetivo, assim, é examinar como as publicações selecionadas configuram uma memória paterna digital e participam da construção de uma imagem legitimada do pai cuidador no ambiente das redes sociais. Para tanto, foram analisadas quatro publicações do período de 21 a 26 de junho de 2024. A escolha dessas quatro publicações se justifica por sua capacidade de reunir, em um recorte temporal curto, diferentes modos de construção autobiográfica da paternidade no perfil analisado. O conjunto selecionado contempla cenas de intimidade conjugal, rotinas familiares com os filhos, formulações reflexivas sobre a criação de meninos e uma publicação de caráter comercial, permitindo observar não apenas a recorrência de valores ligados ao cuidado, mas também a variedade de estratégias pelas quais a memória paterna é narrada, legitimada e publicamente apresentada. Desse modo, o *corpus* foi definido por sua relevância qualitativa para o problema da pesquisa, e não por pretensão de representatividade quantitativa do perfil como um todo.

NARRAR A SI MESMO

Narrar a si mesmo não significa reproduzir de forma transparente a vida vivida, mas organizá-la narrativamente por meio de escolhas, recortes e enquadramentos que atribuem inteligibilidade à experiência. A autobiografia, nesse sentido, não opera como transcrição neutra do passado, mas como elaboração retrospectiva pela qual o sujeito seleciona acontecimentos, reordena temporalidades e constrói uma figura de si no presente da enunciação. É justamente por isso que a escrita autobiográfica não pode ser reduzida a um problema de comprovação factual estrita, pois seu núcleo está menos na exatidão absoluta dos fatos do que no modo como a experiência é convertida em narrativa e em interpretação de si.

Essa perspectiva pode ser aprofundada com a reflexão de Cruz (2015) sobre a ambiguidade constitutiva da autobiografia. Ao discutir os limites entre recordação, invenção e elaboração literária, o autor afirma que “Franz Kafka e Chet Baker nos falam da necessidade de um tratamento literário das recordações para que uma penumbra, que revela e oculta ao mesmo tempo, seja preservada” (Cruz, 2015, p. 664). Em seguida, sustenta que “as crônicas pessoais, tanto por necessidade íntima de seus criadores, quanto por constituírem formas de arte literária, possuem, inevitavelmente, limites imprecisos” (Cruz, 2015, p. 664). Assim, o autobiográfico não se invalida, uma vez que seleciona, desloca ou reordena o vivido; ao contrário, constitui-se justamente nesse espaço de elaboração em que a memória não entrega o passado em estado bruto, mas o transforma em narrativa significativa.

Tal entendimento se articula de forma produtiva à noção de pacto autobiográfico. Conforme recupera Alves (1997), com base em Lejeune (1989),

o pacto autobiográfico é um tipo de contrato estabelecido entre autor e leitor onde o autobiógrafo se compromete [...] não a uma exatidão histórica impossível, mas a um esforço para, através do ato autobiográfico, compreender a sua própria vida (Alves, 1997, p. 48).

Mais adiante, a autora observa que a autobiografia pode ser entendida simultaneamente como “uma modalidade de escrita e uma modalidade de leitura” (Alves, 1997, p. 49), pois depende tanto da forma pela qual o sujeito se apresenta quanto do regime de expectativa que orienta a recepção. Isso significa que a verdade autobiográfica não se funda na coincidência plena entre narrativa e acontecimento, mas em uma promessa de compreensão de si, sustentada textualmente.

Essa formulação é mais útil ao presente estudo do que a oposição simplista entre realidade e ficção. No caso das publicações autobiográficas no Instagram, a questão central não é verificar se cada postagem corresponde integralmente ao real, mas compreender como imagem e legenda organizam a experiência cotidiana sob a forma de uma narrativa de si. O que se observa no perfil de Thiago Queiroz, por exemplo, não é a exposição imediata da vida familiar, mas sua composição em fragmentos visuais e textuais que tornam a paternidade narrável, reconhecível e publicamente compartilhável. A autobiografia, aqui, aparece como prática de autorrepresentação por meio da qual o sujeito paterno seleciona episódios, enfatiza valores e constrói coerência identitária.

Desse modo, narrar a si mesmo, no contexto deste artigo, significa compreender a autobiografia como trabalho de elaboração simbólica da experiência. Mais do que espelhar o vivido, as postagens organizam uma memória afetiva da paternidade, em que o cotidiano é reconfigurado como cena significativa e como testemunho de uma determinada forma de ser pai. É essa perspectiva que permite, na análise a seguir, examinar de que modo o perfil mobiliza imagem e legenda para transformar experiências familiares em narrativa autobiográfica e em memória paterna socialmente legitimada.

AUTOBIOGRAFIA DIGITAL

As práticas autobiográficas em plataformas digitais não podem ser entendidas como simples transposição das formas tradicionais de escrita de si para o ambiente *on-line*. O que se altera não é apenas o suporte, mas o próprio regime de constituição do sujeito narrado, uma vez que a autoapresentação passa a ocorrer em ambientes marcados por conectividade, circulação, coprodução e enquadramentos técnicos específicos. Nessa direção, Smith e Watson (2014) ajudam a afastar uma leitura ingênua do eu digital como expressão transparente de uma essência estável. Para as autoras, a vida *on-line* é relacional, coconstruída e atravessada por múltiplas vinculações com outros sujeitos, instituições, causas e mediações técnicas.

O estudo da apresentação de vidas *on-line* deixa claro que tanto o eu quanto sua apresentação são apenas aparentemente autônomos. Na verdade, as vidas *on-line* são fundamentalmente relacionais ou refratadas por meio do engajamento com as vidas de seus outros significativos: as vidas apresentadas são frequentemente interativas, são coconstruídas, estão ligadas a outros, família, amigos, empregadores, causas e afiliações. [...] Teóricos da mídia e da autobiografia, porém, abordam o eu construído não como essência, mas como sujeito, um alvo móvel, que reúne provisoriamente memória, identidade, experiência, relacionalidade, corporalidade, afeto e agência limitada. Na autoapresentação *on-line*, assim como na narração da vida *off-line*, o “eu” de referência é construído e situado, e não idêntico ao seu criador de carne e osso¹ (Smith; Watson, 2014, p. 70-71, tradução nossa).

¹ No original: “Studying the presentation of online lives makes clear that both the self and its presentation are only apparently autonomous. In fact, online lives are fundamentally relational or refracted

Tal ponto é decisivo porque desloca o debate da oposição simplista entre verdade e falsidade. O problema analítico não é decidir se a postagem corresponde integralmente ao real, mas compreender como ela constrói uma versão situada, relacional e publicamente legível da experiência. Em outras palavras, a autobiografia digital não é a exposição imediata de um eu anterior ao discurso, mas uma forma específica de autorrepresentação mediada.

Esse deslocamento atinge também a memória. No ambiente digital, recordar não significa apenas conservar vestígios do passado, mas organizar experiências em dispositivos materiais e simbólicos que as tornam compartilháveis, interpretáveis e reativáveis. Van Dijck (2007) é particularmente forte nessa perspectiva, porque não trata a mídia como simples recipiente de recordações, mas como parte constitutiva do próprio processo de lembrar.

As tecnologias e os objetos midiáticos, longe de serem instrumentos externos para “guardar” versões do passado, ajudam a constituir um sentido de passado, tanto em termos de nossas vidas privadas quanto da história em sentido amplo. Mas nem as memórias nem as mídias são intermediárias passivas: sua mediação molda intrinsecamente a maneira como construímos e preservamos um sentido de individualidade e comunidade, de identidade e história. [...] “Memórias mediadas” são as atividades e os objetos que produzimos e apropriamos por meio das tecnologias de mídia para criar e recriar um sentido de passado, presente e futuro de nós mesmos em relação aos outros. Objetos e atos de memória mediada são espaços cruciais para negociar a relação entre o eu e a cultura em sentido amplo, entre o que conta como privado e o que conta como público, e como a individualidade se relaciona com a coletividade. [...] As memórias mediadas não são objetos estáticos nem repositórios, mas relações dinâmicas² (Van Dijck, 2007, p. 21, tradução nossa).

through engagement with the lives of their significant others: the lives presented are often interactive; they are co-constructed; they are linked to others-family, friends, employers, causes, and affiliations. [...] Theorists of media and autobiography, however, approach the constructed self not as an essence but as a subject, a moving target, which provisionally conjoins memory, identity, experience, relationality, embodiment, affect, and limited agency. In online self-presentation as in offline life narration, then, the ‘I’ of reference is constructed and situated, and not identical with its flesh-and-blood maker”.

- 2 No original: “Media technologies and objects, far from being external instruments for ‘holding’ versions of the past, help constitute a sense of past, both in terms of our private lives and of history at large. But neither memories nor media are passive go-betweens: their mediation intrinsically shapes the way we build up and retain a sense of individuality and community, of identity and history. [...] ‘Mediated memories’ are the activities and objects we produce and appropriate by means of media technologies, for creating and re-creating a sense of past, present, and future of ourselves in relation to others. Mediated memory objects and acts are crucial sites for negotiating the relationship between self and culture at large, between what counts as private and what as public, and how individuality relates to collectivity. [...] Mediated memories are not static objects or repositories but dynamic relationships”.

No Instagram, a memória não aparece como depósito neutro de lembranças, mas como prática de mediação da experiência. A postagem não apenas registra o vivido, ela o seleciona, o enquadra e o reinscreve em uma economia de visibilidade. Isso vale especialmente para perfis autobiográficos, nos quais o cotidiano familiar é reiteradamente reorganizado em fragmentos narrativos e imagéticos.

Essa reorganização ganha força especificamente no Instagram, pois a plataforma favorece visualidade, serialidade, intimidade e circulação contínua. Hage e Kublikowski (2019) mostram que a rede é percebida pelos usuários como espaço mais intimista, com maior liberdade de exposição, mas sempre marcado pela presença do olhar externo e pelos regimes de valorização que moldam as formas possíveis de expressão.

À categoria temática “Diferencial do Instagram” são atribuídos os significados de uma rede intimista, tecida com vínculos fortes, que permite privacidade e liberdade de expressão e exposição, e que pode se tornar um diário on-line. [...] Por se tratar de uma rede voltada exclusivamente para postagens de imagens, favorecer o controle de seus seguidores e também a quem o conteúdo compartilhado será direcionado, o Instagram é descrito pelos participantes como um espaço no qual são garantidas a privacidade e liberdade de expressão. [...] No Instagram, o círculo de seguidores se torna mais restrito, voltado para os vínculos mais fortes, e isso influencia diretamente no comportamento dos entrevistados nesta rede, que passam a sentir-se mais à vontade para se expor (Hage; Kublikowski, 2019, p. 530-531).

O argumento das autoras ajuda a precisar como a autobiografia digital não é só uma narrativa de si, mas uma narrativa produzida em um ambiente que incentiva determinadas formas de recorte do cotidiano. O resultado não é liberdade plena, e sim uma combinação entre autoexpressão e enquadramento social. O eu que se mostra é também um eu antecipadamente ajustado à lógica da recepção, da curtida, da legibilidade e da continuidade narrativa do perfil.

É nesse ponto que a noção de performance se torna indispensável. Marwick e Boyd (2011), ao tratarem das práticas de celebração nas redes, oferecem um pensamento muito útil para pensar perfis que dependem de proximidade, frequência de postagem e gestão de imagem. Ainda que seu objeto empírico não seja a celebridade em sentido estrito, a lógica da intimidade performada, da autenticidade e da construção de uma persona consumível se aplica com força aos influenciadores parentais.

Essa prática envolve manutenção contínua de uma base de fãs, intimidade performada, autenticidade e acesso, bem como a construção de uma persona consumível. [...] Para esses indivíduos, a celebridade é praticada com sucesso quando fornece a ilusão de bastidor, dando a impressão de vislumbres não censurados da vida dos muito famosos. Embora não haja maneira de determinar a “autenticidade” de qualquer prática de celebridade, essa incerteza atrai algumas audiências. [...] A celebridade é mantida por meio do reconhecimento mútuo das diferenças de poder entre fã e praticante, e pela manutenção da base de fãs por meio de intimidade performada, afiliação e reconhecimento público (Marwick; Boyd, 2011, p. 140).

Essa formulação torna-se produtiva para a análise porque impede o equívoco de se tomar o tom confessional, a linguagem afetiva e a exposição de cenas familiares como prova imediata de transparência. O que essas marcas produzem, antes de tudo, é um efeito de autenticidade, ajudando a construir a impressão de espontaneidade, proximidade e verdade, mesmo quando operam por seleção, repetição e enquadramento.

No caso das paternidades cuidadoras, essa lógica se articula de modo ainda mais específico com a legitimação pública de um certo modelo de pai. Casadei (2022) é a autora que melhor ajuda a fazer essa passagem entre teoria geral da autobiografia digital e o objeto empírico aqui empregado. Ela mostra que perfis autobiográficos de paternidade não apenas narram experiências pessoais, mas funcionam como dispositivos de visibilidade e convocação, nos quais a paternidade bem-sucedida passa a circular como forma exemplar e reconhecível.

É possível dizer que esses perfis se adequam como dispositivos convocacionais na medida em que dão visibilidade a fórmulas de sucesso sobre os modos de ser um bom pai, de forma que a própria paternidade bem-sucedida se torna um produto a ser consumido, ao adentrar em estruturas comunicacionais de circulação. O eixo testemunhal reforça e valida essas fórmulas da paternidade bem-sucedida. [...] A expressiva presença de imagens da família em momentos felizes funciona como um mecanismo discursivo que garante a legitimidade do orador em relação a um falar sobre, posicionando-o em um lugar de autoridade sobre a paternidade a partir de um viés testemunhal. [...] O fato de serem perfis autobiográficos é interessante na medida em que a autoridade do orador é construída a partir de um viés testemunhal sobre a paternidade, em textos confessionais que se assemelham a uma autoanálise sobre os sentimentos envolvidos no tornar-se pai (Casadei, 2022, p. 421-422).

A autobiografia digital, no caso do perfil de Thiago Queiroz, não deve ser lida apenas como registro de vivências domésticas, mas como prática de autorrepresentação que organiza memória, testemunho e legitimidade. O cotidiano familiar, quando transformado em imagem e legenda, deixa de ser apenas experiência privada e passa a compor uma narrativa pública capaz de sustentar autoridade discursiva sobre a própria paternidade. Assim, mais do que opor realidade e ficção, interessa compreender como a plataforma permite converter experiências cotidianas em memória mediada, afetivamente investida e socialmente reconhecível.

Desse modo, a autobiografia digital no Instagram pode ser entendida como prática de mediação da experiência, na qual o sujeito narra a si mesmo por meio de formas visuais e textuais que articulam intimidade, performance, testemunho e reconhecimento. No caso analisado neste artigo, é precisamente nessa sobreposição entre vida vivida, narrativa autobiográfica e enquadramento público que se constitui a memória paterna digital.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA PATERNA NO PERFIL DE THIAGO QUEIROZ

Com base no referencial discutido, as publicações selecionadas permitem observar que o perfil de Thiago Queiroz organiza a paternidade como narrativa autobiográfica marcada por intimidade, testemunho, pedagogia emocional e coerência identitária. As postagens não se limitam a registrar cenas do cotidiano familiar; elas selecionam acontecimentos, os enquadram visual e discursivamente e os transformam em fragmentos de uma memória paterna mediada, na qual a figura do pai cuidador emerge como experiência vivida, narrativa de si e forma exemplar de masculinidade.

A publicação em que Thiago aparece ao lado da esposa (Figura 1) e descreve o momento do café como um de seus preferidos do dia opera por meio da ritualização da intimidade. O *post* não se organiza em torno de um acontecimento extraordinário, mas de um recorte banal da rotina, elevado à condição de cena significativa. Esse movimento é central porque transforma a convivência conjugal em fundamento simbólico da experiência familiar. Logo, ao valorizar a conversa, a pausa e a partilha da vida cotidiana, a postagem insere o pai em um ambiente doméstico marcado por equilíbrio afetivo, parceria e estabilidade emocional. A memória paterna, aqui, não é construída apenas pela relação direta com os filhos, mas pela inserção do sujeito em uma rede

relacional mais ampla, na qual o cuidado aparece como valor que estrutura a vida familiar.

Figura 1 – Thiago Queiroz e a ritualização da intimidade conjugal



Fonte: Instagram de Thiago Queiroz, publicação de 21 jun. 2024a.

Figura 2 – O ritual do “bom-dia” e a construção do testemunho paterno



Fonte: Instagram de Thiago Queiroz, publicação de 25 jun. 2024c.

Já a postagem sobre o ritual do “bom-dia” (Figura 2) explicita de maneira mais nítida a dimensão testemunhal da narrativa autobiográfica. A legenda (disposta a seguir) parte de uma lembrança de exaustão e desorganização nas manhãs com as crianças, mas reorganiza essa experiência em uma narrativa de amadurecimento, cooperação e esperança. Ao afirmar que os filhos crescem, passam a compreender melhor a rotina e chegam a colaborar entre si, o autor transforma uma cena corriqueira em evidência de aprendizado afetivo e de progresso familiar. O movimento é relevante porque desloca o *post* do plano privado para o da identificação pública. Ao final, quando a legenda se dirige ao leitor em tom de encorajamento, o testemunho individual passa a funcionar como dispositivo de partilha e reconhecimento.

[...] preparar para ir para a escola já foi MUITO estressante. Era um tal de criança gritando ou enrolando pra se arrumar que eventualmente eu já perdia a paciência logo na primeira hora do dia.

Mas as crianças crescem. Entendem. Cooperam. Hoje, os meninos ajudam muito, inclusive com as mais novas. E essa expressão de cuidado do Dante, por exemplo, ajudando a Cora a calçar o sapato, é algo muito bonito de se ver, sabe? Mas não se enganem, eles ainda brigam, ainda enrolam eventualmente, mas como eu disse: não posso reclamar. Prefiro enxergar a manhã com luz, e não com sombras.

E talvez você, que está lendo isso, ainda esteja passando por muito estresse. Eu entendo você. E digo: vai melhorar, tá? (Queiroz, 2024c).

Essa leitura se articula diretamente ao que Casadei (2022) identifica nos perfis autobiográficos de paternidades cuidadoras. Segundo a autora, “o dispositivo testemunhal funciona ao criar uma similaridade de experiências entre orador e leitor, no sentido de estabelecimento de campo comum de angústias e questionamentos” (Casadei, 2022, p. 422), de modo que a experiência narrada reforça a legitimidade do sujeito que fala. No caso da postagem analisada, o pai não apenas relata uma manhã com os filhos, mas converte sua vivência em narrativa exemplar, capaz de produzir identificação em outros pais e de sustentar uma autoridade discursiva fundada na experiência cotidiana.

Figura 3 – Afeto, cuidado e formação masculina na narrativa paterna



Fonte: Instagram de Thiago Queiroz, publicação de 26 jun. 2024d.

Como mudar o mundo sem mudar a forma como criamos meninos?
Como garantir um futuro menos violento, sem quebrar o ciclo de violências que permeiam a infância?
Meninos também precisam de carinho, afeto, abraço e colo. Precisam, sobretudo, de figuras masculinas que se apresentem também no campo da sensibilidade.
É muito triste ver o tanto de meninos que ainda não recebem isso de seus pais, pela percepção distorcida de que isso os tornaria mais fracos. Pois eu digo: muito pelo contrário, isso só os tornaria mais fortes.
Ter consciência sobre suas emoções, adquirir ferramentas para regulação emocional e, principalmente, construir um senso de si sólido (pois não se duvida do valor e não precisa lutar para ser amado) é o que torna a pessoa mais resiliente para todos os desafios da vida.
Portanto, se você é pai e, principalmente, pai de menino, lhe pergunto: já abraçou seu filho hoje? Já disse que o ama hoje? (Queiroz, 2024d).

A postagem sobre a criação de meninos (Figura 3) torna ainda mais explícita a dimensão normativa da memória paterna construída no perfil. Ao perguntar “como mudar o mundo sem mudar a forma como criamos meninos?”, a legenda desloca a experiência pessoal para uma formulação mais ampla sobre masculinidade, violência e cuidado. O afeto oferecido aos filhos, na forma de abraço, colo, carinho e escuta, deixa de ser apresentado apenas como gesto íntimo e passa a ser narrado como prática socialmente transformadora. O pai cuidador, nesse caso, não aparece somente como alguém que convive de forma afetuosa com os filhos, mas como sujeito que interpreta sua prática de cuidado como intervenção na formação masculina.

Aqui, a contribuição de Casadei (2022) é novamente decisiva. A autora argumenta que a masculinidade cuidadora “não é um contraponto à masculinidade hegemônica, mas uma forma de negociação com sua estrutura”, o que exige “um trabalho narrativo e retórico considerável” (Casadei, 2022, p. 419) para sua legitimação. Esse argumento permite compreender que o perfil de Thiago Queiroz não abandona simplesmente os sentidos tradicionais do masculino, mas disputa seus critérios de legitimação, apresentando o cuidado e a sensibilidade como atributos valorizáveis na constituição de meninos e pais. Assim, a postagem expressa afeto e organiza uma pedagogia emocional que busca redefinir publicamente o que conta como força, formação e responsabilidade paterna.

Figura 4 – Publicidade, leitura e coerência identitária no perfil paterno



Fonte: Instagram de Thiago Queiroz, publicação de 23 jun. 2024b.

A publicação realizada em parceria com uma marca e um evento infantil (Figura 4) introduz uma relação delicada entre autobiografia e mercantilização. O ponto analítico, porém, não é apenas constatar a coexistência entre conteúdo pessoal e publicidade, mas observar como a lógica comercial é absorvida sem romper a coerência da persona pública construída pelo perfil. A recomendação de uma experiência ligada ao universo infantil, da leitura ou da formação das crianças não aparece como elemento externo à narrativa autobiográfica, mas como extensão plausível dos valores já associados ao sujeito paterno: presença, cuidado, formação e investimento afetivo na experiência dos filhos. Em vez de enfraquecer o efeito de autenticidade, a parceria tende a reafirmá-lo, justamente porque se apresenta em consonância com a identidade pública do pai cuidador.

Tomadas em conjunto, as postagens analisadas mostram que a memória paterna no perfil de Thiago Queiroz se estrutura por alguns operadores recorrentes. O primeiro é a ritualização do cotidiano, que transforma cenas banais em momentos significativos. O segundo é o testemunho, que produz identificação e legitima a fala do sujeito paterno. O terceiro operador é a pedagogia emocional, especialmente visível nas postagens sobre a criação de meninos, em que o afeto aparece como prática formadora. E o quarto é a coerência identitária da persona pública, que permite, inclusive, incorporar conteúdos mercadológicos sem ruptura expressiva do efeito de autenticidade. Esses operadores fazem com que a paternidade ali narrada não apareça apenas como experiência privada, mas como memória afetiva, discurso de si e modelo circulável de masculinidade cuidadora.

Desse modo, a análise confirma que o perfil mobiliza imagem e legenda para produzir mais do que lembranças. O que se constitui nessas publicações é uma memória paterna digital, mediada por visibilidade, curadoria e reconhecimento público, na qual o pai cuidador é simultaneamente vivido, narrado e legitimado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das publicações autobiográficas de Thiago Queiroz permitiu atestar que o Instagram não funciona apenas como suporte de registro da vida cotidiana, mas também como espaço de elaboração narrativa da memória paterna.

Nas postagens observadas, a articulação entre imagem e legenda transforma experiências familiares comuns em cenas com valor afetivo, coerência simbólica e clareza pública. O cotidiano, assim, deixa de aparecer como simples sucessão de acontecimentos e passa a ser reorganizado como narrativa de si, em que o pai se apresenta como sujeito sensível, presente e legitimado pelo testemunho da experiência.

Esse movimento é particularmente significativo porque mostra que a memória paterna digital não se constrói apenas pela lembrança de acontecimentos vividos, mas pela seleção de momentos capazes de condensar valores, vínculos e formas desejáveis de intimidade. As imagens de parceria conjugal, as rotinas compartilhadas com os filhos, os gestos de cuidado e as reflexões sobre a criação de meninos não apenas registram uma experiência familiar, mas compõem um arquivo afetivo no qual a paternidade é continuamente narrada, reafirmada e oferecida ao olhar público. Nesse processo, o que se produz não é somente uma lembrança, mas uma forma de presença, uma paternidade que se quer visível, sensível e socialmente reconhecível.

Ao mesmo tempo, é precisamente nesse ponto que surge o olhar crítico do objeto. A memória paterna construída nessas postagens se ancora em vivências concretas, mas também depende de recortes, enquadramentos e escolhas estéticas que tendem a privilegiar cenas de harmonia, amadurecimento e vínculo. Isso não invalida o testemunho autobiográfico, mas exige lê-lo com cautela, pois o pai cuidador que se torna visível no *feed* é também resultado de uma curadoria do cotidiano, de uma organização narrativa que suaviza fraturas, redistribui conflitos e confere inteligibilidade exemplar à experiência. Em outras palavras, a mesma plataforma que permite dar visibilidade a formas mais afetivas de paternidade também favorece sua idealização.

Desse modo, o estudo sugere que a autobiografia digital da paternidade opera em um duplo registro. Por um lado, amplia a circulação de imagens e narrativas que deslocam modelos tradicionais de masculinidade, legitimando o cuidado, a sensibilidade e a presença paterna. Por outro, inscreve essas experiências em uma lógica de visibilidade que pode converter o vivido em performance coerente, afetivamente potente e publicamente consumível. Ao focalizar o caso de Thiago Queiroz, o artigo contribui para compreender que a memória paterna nas plataformas digitais não é neutra nem espontânea, mas é narrada, editada, compartilhada e reconhecida em meio a disputas simbólicas sobre o que significa, hoje, ser pai.

Between (self-)images and memories: autobiographical narrative and the construction of paternal memory on instagram posts

Abstract

This article analyzes the construction of paternal memory in autobiographical Instagram posts, based on the profile of Thiago Queiroz. Drawing on Lejeune, Smith and Watson, Van Dijck, and Casadei, it discusses how the relationship between image, caption, and self-representation turns everyday experiences of fatherhood into public narrative. It argues that these posts do not merely record lived experiences, but produce an affective and socially legitimized memory of the caring father, highlighting Instagram's role in shaping fatherhood as an intimate, narrative, and media-mediated experience.

Keywords

Fatherhood. Self-representation. Memory.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. Ficção e auto/biografia: implicações teóricas. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 1, p. 43-50, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/emt/article/view/31365>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- CASADEI, E. Estratégias discursivas de paternidades cuidadoras em perfis autobiográficos no Instagram. *Esferas*, Brasília, ano 12, n. 25, p. 415-436, set./dez. 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13297/11352>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- CRUZ, J. G. Autobiografia e o elogio da ambiguidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 663-670, 2015. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/205>. Acesso em: 27 jul. 2026.
- HAGE, Z.; KUBLIKOWSKI, I. Estilos de uso e significados dos autorretratos no Instagram: identidades narrativas de adultos jovens brasileiros. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 522-539, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n2/v19n2a11.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- LEJEUNE, P. The autobiographical pact e The autobiographical pact (bis). In: LEJEUNE, P. *On autobiography*. Tradução Katherine Leary. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989. p. 3-30, p. 119-137.

MARWICK, A.; BOYD, D. To see and be seen: celebrity practice on Twitter. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 139-158, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354856510394539>. Acesso em: 26 jul. 2024.

QUEIROZ, T. [Instagram: @thiagoqueiroz]. *Talvez um dos meus momentos preferidos do dia são os “momentos do café” [...]*. Publicação, 21 jun. 2024a. Disponível em: Instagram, https://www.instagram.com/p/C8fcq9_SxFl/. Acesso em: 18 jul. 2024.

QUEIROZ, T. [Instagram: @thiagoqueiroz]. *Imagine um evento pensado para as nossas crianças e uma oportunidade de incentivar o amor pela leitura [...]*. Publicação, 23 jun. 2024b. Disponível em: Instagram, <https://www.instagram.com/reel/C9xtZCspP-cj/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

QUEIROZ, T. [Instagram: @thiagoqueiroz]. *A gente tem uma tradição aqui: tirar uma foto de “bom dia” todos os dias [...]*. Publicação, 25 jun. 2024c. Disponível em: Instagram, <https://www.instagram.com/p/C8onGJBuy25/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

QUEIROZ, T. [Instagram: @thiagoqueiroz]. *Como mudar o mundo sem mudar a forma como criamos meninos? [...]*. Publicação, 26 jun. 2024d. Disponível em: Instagram, <https://www.instagram.com/p/C8sKSv6pfWO/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

QUEIROZ, T. *Thiago Queiroz – Papai, Vírgula!* 2024e. [Instagram: @thiagoqueiroz]. Disponível em: Instagram, <https://www.instagram.com/thiagoqueiroz/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SMITH, S.; WATSON, J. Virtually me: a toolbox about online self-presentation. In: POLETTI, A.; RAK, J. (ed.). *Identity technologies: constructing the self online*. Madison: University of Wisconsin Press, 2014. p. 70-95.

VAN DIJCK, J. *Mediated memories in the digital age*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2007.